



SONS DAS AMÉRICAS

Música

Puxe uma cadeira. A canção já está tocando.



A NOTA INICIAL

Pare um momento.

De tudo o que compartilhamos neste hemisfério, a música talvez seja o mais fácil de sentir. Ninguém precisa ser convencido de que um tambor pode encher uma sala, ou de que uma melodia pode encontrar você do outro lado de um continente inteiro e soar como o lar.

Então, antes de falar para onde vai a música das Américas, vamos sentar com a sua origem. O som que todos conhecemos não surgiu do nada. Cresceu de raízes profundas, de muitos presentes, trazido até aqui por muitas mãos.

Esta é essa história. Começa no princípio.



O PRIMEIRO SOM, JÁ ESTAVA AQUI

Antes de alguém chegar, já havia música nesta terra.

Do extremo norte até a ponta sul, os primeiros povos das Américas cantavam para as estações, a colheita, a caça. Flautas talhadas em osso e cana. Tambores que falavam entre os vales. Chocalhos, apitos, e a voz que se erguia sem precisar de instrumento algum.

Esses foram os primeiros sons deste hemisfério, e nunca foram embora. Seguem vivendo na música que fazemos hoje. Devemos a eles o chão em que pisamos.



O TAMBOR, TRAZIDO SOBRE AS ÁGUAS

Depois chegou um presente trazido ao cruzar um oceano.

Os povos da África trouxeram consigo um gênio para o ritmo que se tornaria a batida do coração das Américas. O tambor, a clave, o chamado e a resposta, a pulsação que move o corpo antes da mente decidir. Carregada por pessoas que a seguraram através de tudo, e a deram ao hemisfério inteiro.

Escute quase qualquer música nascida aqui e você vai ouvir. Essa pulsação é o presente deles, e somos gratos por ela cada vez que dançamos.



AS CORDAS E A CANÇÃO, CHEGADAS DE LONGE

Por esse mesmo oceano chegou outro conjunto de presentes.

Da Europa chegaram as cordas e a canção escrita. O violão que se transformaria em cem primos por toda a América. A balada que carregava histórias. O hino e a harmonia, o acorde que sustenta uma melodia como uma mão sob as costas.

Esses fios criaram raiz em solo novo e se tornaram algo que o velho mundo jamais imaginou. O presente foi a semente. O que cresceu dela pertence a este lugar.



ONDE AS CORRENTES SE ENCONTRARAM

Aqui está a parte que não aconteceu em nenhum outro lugar da terra.

Nas Américas, esses presentes não ficaram separados. O primeiro som da terra, o ritmo trazido sobre as águas, as cordas e canções que chegaram pelo mar, se encontraram. Se misturaram na praça, no campo, na igreja, no porto, na cozinha, na rua.

E desse encontro nasceu algo inteiramente novo. Não uma tradição vencendo, mas todas fluindo para o mesmo rio largo. A música das Américas é o que essas correntes fizeram juntas.



O ENCONTRO

Note o que esta música faz primeiro. Ela reúne.

Um som começa e uma sala muda. As cadeiras se arrastam, estranhos viram um círculo, uma praça se enche. De uma varanda do norte a um pátio do sul, a música é como dizemos venha, sente, você pertence aqui.

Esse instinto está em toda parte nas Américas, e veio de todas as raízes ao mesmo tempo. Reunir é o ofício mais antigo da música.



O TRABALHO E A ESTRADA

A música nos levou através da labuta e do longo caminho de volta.

A canção do campo que marcava o ritmo do trabalho. A toada de viagem que encurtava a estrada. O compasso que transformava um dia pesado em algo que o corpo podia carregar. De norte a sul, as pessoas sempre cantaram para aliviar o trabalho e encurtar a distância.

Essas canções guardam a dignidade dos dias comuns, e essa dignidade é terreno compartilhado.



A CANÇÃO DE FÉ E CONFORTO

A música é também como seguramos uns aos outros.

O hino que se eleva numa sala cheia. A canção quieta num momento difícil. E a mais antiga e suave de todas, o acalanto cantarolado sobre uma criança em qualquer parte do hemisfério, em qualquer idioma, com o mesmo propósito terno.

Estas são as canções que confortam. Lembram que, através de cada fronteira, as pessoas buscam a melodia nos mesmos momentos humanos.



A CELEBRAÇÃO NA RUA

E então há a pura alegria, tornada audível.

A procissão que transforma uma rua num desfile. O tambor da festa, a dança que puxa todo mundo, a celebração que transborda pela porta e desce a quadra. Da festa de noite quente à feira do interior, as Américas sabem como deixar a música virar alegria onde você pode ficar dentro.

Nomes diferentes, a mesma batida. A alegria sempre foi terreno comum.



O SOM COMPARTILHADO HOJE

Agora escute o que temos.

O violão da varanda no norte. O charango no alto dos Andes. O tambor no sol do Caribe. O acordeão, a marimba, os metais numa noite quente. Soam como mundos diferentes, e ainda assim carregam os mesmos fios antigos, o primeiro som da terra, o ritmo sobre as águas, as cordas vindas de longe.

Crédito a cada presente. Pertencimento a todos nós. Esse é o som de uma só vizinhança.



O FECHO, E A ESTRADA ADIANTE

Estamos mais perto do que a música faz parecer, porque a música nunca esteve de fato separada.

Cada corrente que a alimentou foi um presente de alguém, e cada presente flui para a canção que todos conhecemos. Honrar de onde ela veio é ver o quanto já compartilhamos.

E este é apenas o começo da história. Começamos pelas raízes porque as raízes seguram tudo o que cresce em seguida. Daqui a música segue adiante, pelos instrumentos, pelos ritmos que viajaram, pelos sons ainda sendo feitos por todo o hemisfério hoje. Vamos seguir contando, uma parte de cada vez. Volte conforme a história cresce. Sempre há mais para ouvir.

Um hemisfério. Um som que se ergue de muitos presentes.

Música. O terreno comum que você pode ouvir.

Um hemisfério. Um futuro.